

## meninos transparentes<sup>1</sup>

nunca serão piratas,  
nem índios, nem *cowboys*,  
os meninos de papelão.

frágeis flores ósseas,  
olhos grávidos de fome,  
enxotados contra a morte.

ali, onde o pó devora o sol  
e veias de inferno  
serpenteiam pela terra.

nos seus braços, mastros,  
o vento poisa,  
hesitando a dor das pedras.

e secos, inflamados,  
os meninos transparentes  
nunca choram:

porque a água é rara de rara,  
e as moscas  
não têm sede.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “meninos transparentes”, “no coração arruinado da cidade”. *Nada Onde Poisar o Sonho: Antologia Poética*. Org. João Tomaz Parreira. Aveiro: Desafio Miqueias, 2010. 38-39.

**no coração arruinado da cidade**

sobe as escadas até ao amor,  
onde a mulher é um corpo contigo,  
e a noite tem um ano de cem séculos.

pergunta-lhe pelo vento, que fez dele,  
se recorda o instante  
em que o sangue se fez vinho amargo.

ama-a, dança-lhe os passos,  
sepulta-a na cama outrora neve,  
onde as sementes de fogo arderam.

e depois sai. deixa-a  
carpindo maquilhagem  
e confessando a noite a um cigarro.

mas não esqueças nunca o seu soluço  
e o perfeito som do vento  
no coração arruinado da cidade.

**João de Mancelos** nasceu em Coimbra, em 1968. É autor, entre outras obras, de *Línguas de Fogo* (2001), *As Fadas não Usam Batom* (2ª ed. 2004) e *Introdução à Escrita Criativa* (2ª ed. 2010).